

A APROPRIAÇÃO TECNOMEDIÁTICA COM PERSPECTIVA DECOLONIAL ¹

Graciela NATANSOHN²; Susana MORALES³

¹ GT 8 - Estudos Críticos sobre identidade, gênero e raça

² Universidade Federal da Bahia. graciela@ufba.br

³ Universidad Nacional de Córdoba, Argentina. susanamorales@unc.edu.ar

RESUMO

Este artigo discute conceitualmente a noção de apropriação tecnomediática (MORALES, 2008) no campo dos estudos da comunicação digital, de um ponto de vista feminista decolonial. Entendemos que a categoria apropriação aglutina um conjunto de atividades que, no contexto latino-americano, adquire um caráter coletivo e de resistência que se ativa diante de formas alheias de cultura, bens de consumo e estruturas organizacionais, e implica processos subjetivos de compreensão que partem de outros horizontes hermenêuticos (NEÜMAN, 2009). A importância do conceito se reflete também na criação da Rede de Pesquisadores sobre Apropriação de Tecnologias Digitais (RIAT, 2024) que, desde 2012, vem sistematizando experiências e seus desdobramentos teóricos e epistemológicos.

A apropriação sinaliza resistência e empoderamento, como proposto por Michel de Certeau (1974), Canclini (1995), Martín-Barbero (1987), entre outros, formas de estar no mundo e ligar-se ao exterior (MARX, 1969; VIGOTSKY, 1985; LEONTIEV, 1983), mas também desapropriação-apropriação capitalista, na perspectiva de Marx (1969) e a adoção de traços culturais de culturas étnicas subordinadas ou minorizadas, isto é, apropriação ligada a práticas culturais supremacistas brancas, denominada de apropriação cultural, muito debatida no Brasil no seio dos movimentos negros (RIBEIRO, 2017).

Aqui, vamos relacionar a apropriação com um aspecto da comunicação digital contemporânea: o extrativismo e colonialismo de dados (COULDRY & MEJIAS, 2019). Essa forma renovada de apropriação tem pelo menos três funções: a) tornar os tempos e processos de produção mais velozes, b) capturar dados da vida e das ações cotidianas para aperfeiçoar a relação oferta/consumo e c) exercer a vigilância massiva, a predictibilidade das condutas e a legitimação ideológica que essa lógica colonial precisa. A perspectiva do colonialismo de dados se imbrica com o feminismo decolonial quando um olhar generizado e racializado das relações coloniais da sociedade datificada consegue dar conta da dinâmica entre as hierarquias de gênero/raça/classe (as mais evidentes, mas sem esquecer outras, como território, religião, etc.) e as apropriações de dados realizadas em e com as tecnologias, observando os efeitos dessas. Propomos, após a revisão teórica sobre a apropriação tecnomediática, mapear e sinalizar algumas iniciativas decolonias que outorgam legitimidade epistêmica a outras formas de imaginar internet, tal como o hackerismo transfeminista (NATANSOHN & REIS, 2020), o ativismo feminista antivigilância e antirracista (MORALES & NATANSOHN, 2024) e o feminismo de dados (D'IGNAZIO & KLEIN, 2020). Enfocamos neste aspecto (a dataficação e suas resistências) tendo ciência que uma perspectiva decolonial remete a uma

diversidade ampla de temas, todos eles relacionados. Como sustenta Ricaurte Quijano (2023, p.14, tradução livre do espanhol) “entre os repertórios de luta, o principal desafio é abraçar a indissociabilidade da defesa dos corpos-territórios e a disputa pelas infraestruturas tecnológicas e de produção de conhecimento”, na medida em que fazem parte da mesma disputa no coração do capitalismo nesta fase: a apropriação das tecnologias digitais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COULDRY, N.; MEJÍAS, U. **The costs of connection**: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford: Stanford University Press, 2019.

DE CERTEAU, M. **La cultura en plural**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999. D'IGNAZIO, K.; KLEIN, L. **Data-Feminism**. Massachusetts: MIT Press, 2020. Disponível em <https://data-feminism.mitpress.mit.edu/> Acesso em 12 ag. 2024.

CANCLINI, N. G. **Consumidores y ciudadanos**. México: Grijalbo, 1995.

LEONTIEV, A. **El desarrollo del psiquismo**. Akal: Madrid, 1983.

MARTIN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones**. Comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MARX, C. **Manuscritos de economía y filosofía**. Madrid: Alianza, 1969.

MORALES, S. La apropiación de TIC: una perspectiva, en Morales, S. y Loyola, M.I. (Ed.) **Los jóvenes y las TIC. Apropiación y uso en educación**. Córdoba: Edición del autor, 2009.

MORALES, S.; NATANSOHN, G. Potencialidades y riesgos de los activismos digitales: por una internet feminista, antirracista, decolonial. In: BARBOSA, L. **Movimientos Sociales y Territorios para la Vida**. Buenos Aires: CLACSO, no prelo.

NATANSOHN, G.; REIS, J. Digitalizando o cuidado: mulheres e novas codificações para a ética hacker. *Cadernos Pagu*, n. 59. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8664486>>. Acesso em 13 ag. 2024.

NEÜMAN, M.I. Construcción de la Categoría "Apropiación Social". **Quórum Académico**, Vol 5, n. 2, 2009. Disponível em <<https://produccioncientificaluz.org/index.php/quorum/article/view/29219>> Acesso em 11 ag. 2024.

RIAT. Red de Investigadores sobre Apropiación de Tecnologías Digitales. Disponível em: <<https://apropiaciondetecnologias.com/>> Acesso em 13 ag. 2024.

RIBEIRO, Stephanie. Afinal, o que é apropriação cultural? **Geledés**, 2017. Disponível em <https://www.geledes.org.br/stephanie-ribeiro-afinal-o-que-e-apropriacao-cultural/?gclid=Cj0KCQjwjbyYBhCdARIsAARc6LJ7dPjVdEOaNf3fvILVnyjvJyG46hh9KxVofNwTM6_29I4zZm1KXrgaAs1TEALw_wcB>. Acesso em 11 ag. 2024.

RICAURTE QUIJANO, P. **Descolonizar y despatriarcalizar las tecnologías**. México: Centro de Cultura Digital, 2023.

VYGOTSKY, L.S. **Historia del desarrollo de las funciones psicológicas superiores**. Madrid: Visor, 1985.